



ZÉ DIOGO QUINTELA

FALAR É FÁCIL



PREFÁCIO DE
PEDRO MEXIA

LISBOA:
TINTA-DA-CHINA
MMX

Índice

© 2010, Zé Diogo Quintela
e Edições tinta-da-china, Lda.
Rua João de Freitas Branco, 35A
1500-627 Lisboa
Tels.: 21 726 90 28/9 | Fax: 21 726 90 30
E-mail: info@tintadachina.pt

www.tintadachina.pt

Título: *Falar É Fácil*
Autor: Zé Diogo Quintela
Prefácio: Pedro Mexia
Revisão: Tinta-da-china
Capa: Vera Tavares
Composição: Tinta-da-china

1.ª edição: Março de 2010
ISBN 978-989-671-029-3
Depósito Legal n.º 306674/10

9	PREFÁCIO <i>Pedro Mexia</i>
17	NOTA DO AUTOR
	CHARLA VÁRIA
21	O falecimento do artista
23	Abismado
25	Revista à portuguesa
27	Carta aos senhores da <i>Playboy</i>
30	Natal
32	A meia do calcanhar de Aquiles
34	Mulheres: como assim?
36	Algumas leituras de Verão
38	Quero chumbar num teste de ADN
40	Língua bífida
42	Esse gás não é meu
44	Um Natal difícil
46	Os antinatal
48	Dar o corpo à manifesta parvoíce
51	Ir desta para mais descansado
54	Legos que levamos da vida
56	Como São Mateus me estragou o Natal
58	Enquanto o pau vai e vem, folgam as <i>low cost</i>
	POLÍTICA PORTUGUESA, PARA DESENJOAR
63	Louçã, o patrão
65	O museu do ultraje
67	Um sinal dos tempos ou de trânsito?
69	Me liga, vai...
71	Do neonazismo ao festival da canção

73	Lisboa para mim
75	E chumbo transgénico, não há?
77	Get cárter
79	O Estado é chico esperto
81	Tem lume? É para atear este fumador
83	Se o Estado não gostar de mim, quem gostará?
85	Boda aldrabada, boda abençoada
87	É fazer as contas
89	Altas pressões
91	Um amor que não há tempo para nomear
93	Ver tinta secar
95	Levem lá a bicicleta
97	O mal dos outros
99	Auxilie a ficar ceguinho
101	Xenopostalfobia
103	A boda de Fígaro e Jorge
105	Um lápis azul por uma gillette
107	Ablação, ablação!
110	Isto é um suponhamos
113	Cogita a ERC? Hum...
116	Uma empregada mal empregada
119	O partido único
121	Junta de bois médicos
123	Falta de atençãozinha
125	O azar dos Távora dos Almeida
127	O negócio é a alma do segredo de justiça
129	Coisas que se vão passar em 2010
131	Referendo, só se for com outro nome
134	Deixai adoptar as criancinhas

NO ESTRANGEIRO TAMBÉM
SE PASSAM COISAS GIRAS

139	O que é que vê aqui?
141	No próximo ano, em Jerusalém (menos os <i>gays</i>)
143	Quer ganhar peso? Pergunte aos espanhóis como
145	Vestidinho preto
147	Quem rim por último
149	Na Polónia
151	Médicos sem fronteiras
153	O general sem medo (mas ofendido)
155	A <i>sharia</i> era a lei

157	Cordeiro sacrificado, cabrito esfolado
159	Não-virgem ofendida
161	Armados em bons
163	Arrebenta a bolha
165	Super-Obama
167	O <i>bus</i> da questão
169	Fat lady sings
171	Um muro no estômago
173	Encíclica sobre Copenhaga

PORTUGAL, UM RETRATO SOCIAL. E PARVO.

179	36 milhões? Isso é quanto em tabaco?
181	The plane! The plane!
183	Não mexe, que estraga!
185	Cão que ladra, morde, estiraçalha e mata
187	Adopção de medidas extremas
189	Por uma boa causa
191	Branca de Neve
193	Crónica de onda de calor
195	Mãe, o arroz não está correcto
197	Segunda vida malvada
199	Não sei mais que um puto de dez anos. E daí?
201	Desculpem a má criação
203	Orgulho homossexual e preconceito <i>gay</i>
205	Ladies and gentlemen, this is your captain crashing
207	Não tenho nada para vestir, o meu avô não empresta
209	Não se aponta que é feio
211	Não há almoços grátis para a Terra
213	Anda à roda
215	O <i>Segredo</i> tem alma de negócio
217	Se for preciso, leia esta crónica
219	O gene incompreendido
221	O meu bosão é mais pequeno que o teu!
223	Salão neurótico de Lisboa
225	Parvoíce pré-aprovada
227	Amor mouro
229	A origem da espécie
231	Emprego mal empregue
233	Volare, o o! Gamare, o o o o!
235	A vaidade do bronze
237	Papel selado

239	Crónica pascal portuguesa
241	Da boa memória e dos maus modos
243	Um santo contestável
245	Gripe, gripe, hurra!
247	Por uma boa boda
249	Quem protege os jovens da protecção?
252	Quem tem paredes de vidro
255	A foca, por ser foca, paga menos?
257	A síndrome do eterno retorno
260	Ver e ser visto
262	Volta-se o feiticeiro contra o feiticeiro
265	Ter vergonha no focinho
269	ÍNDICE ONOMÁSTICO

PREFÁCIO

É uma coisa que me chateia

«Não gosto de ser sequestrado», disse o Almirante, «é uma coisa que me chateia.» É um dos grandes momentos cómicos nacionais. Não há nada mais engraçado do que alguém estar à altura dos acontecimentos com tal registo inesperado e inconveniente. O país à beira de uma guerra civil, a democracia literalmente cercada, e o Almirante diz que tudo isso basicamente não lhe dava jeito nenhum, era uma grande maçada.

Zé Diogo Quintela tem qualquer coisa de Pinheiro de Azevedo. Um Pinheiro de Azevedo que tivesse ficado na reserva territorial. Às vezes o humorista parece violento, ao menos para os padrões muito brandos dos «humores nacionais», mas é uma impressão apressada. Zé Diogo não é violento: quando muito está chateado. Não sendo filho único, cultivava aquela reacção enfadada dos filhos únicos, gente que não está disposta a fazer negociações sobre o seu modo de vida. Não quer que o macem, embora, claro, as maçadas lhe dêem algum gozo, porque lhe dão um direito de resposta. A sociedade contemporânea impõe-nos regras, manias, superstições, do politicamente correcto ao fundamentalismo ecológico, e o sujeito considera que tudo aquilo o aborrece sumamente, é uma espécie de conspiração para lhe estragar o dia.

Se o Zé Diogo se chateia é porque estava num estado hedonista e ronronante, como se fosse o Garfield. Quase todas estas crónicas revelam um gosto pelas coisas boas da vida, essas que, já se sabe, são ilegais, imorais ou engordam. As piadas aparentemente autodepreciativas não depreciam nada, pois os prazeres que a

gordura dificulta são compensados pelos prazeres que provocam a gordura. A comidinha, o ócio, uma vida decididamente incorrecta do ponto de vista gastronómico, ecológico, cardíaco e tudo.

Depois de Pinheiro de Azevedo e do gato Garfield, gostaria de citar um terceiro herói: Bartleby. É aquela personagem de Melville que diz, de modo enigmático: «Preferia não o fazer.» Zé Diogo Quintela preferia não o fazer. Desde logo, porque fazer implica sair do sofá, o que é um abuso. Mas também porque o Zé Diogo, reaccionário anarca, não está para isso. Seja «isso» o que for. Não sendo de esquerda, o excelente jogral sente-se dispensado de carregar o mundo às costas, até porque, lá está, sempre se evita uma hérnia discal. Um humor quintelista parte de uma única reivindicação: «um nível de aconchego aceitável». Isso explica que quase todos os textos gozem com as leis, as instituições e as modas que prejudicam o aconchego. Não é só o órgão de soberania estar cercado por metalúrgicos, é também isso hoje não me dar jeito nenhum.

A estupidez humana, diz o autor, é um tema infundável. Até porque ele, irresponsável como um adolescente feliz, reivindica para si uma apreciável dose de estupidez. Acontece que, enquanto os outros parecem estúpidos porque querem regular a vida de terceiros, o Zé Diogo só quer tratar da sua vida. E que terceiros se metam nisso é uma coisa que o chateia.

Não pensem no entanto que o rapaz se indigna. Já anda toda a gente muito indignada, não vale a pena ajudar à missa. Ele diverte-se com tudo aquilo, como o Deus a quem ele chama, genialmente, «recreacionista». Zé Diogo Quintela não criou o mundo (actividade que só se torna interessante ao sétimo dia), mas recreia-se com o mundo que foi criado. Está no recreio com o mundo, como um miúdo que espatifa brinquedos novos. Temas ponderosos como temas parvos, todos levam um piparote. Ele diseca o facultativo categórico, a *hubris* enquanto basófia, os fanfarrões da caridade e o lenocínio virtuoso. É uma criança que se recreia com as coi-

sas e com as palavras, de modo que muitas crónicas parecem apenas pretextos para escrever termos como «piaçaba», «chimbalau», «azémola» ou «moscambilha». Porque é na linguagem que começa toda a recreação. É na linguagem que nos levamos demasiado a sério, e convém sempre haver um puto que nos lembre que um «risotto» é apenas um «arroz malandro». E que, em conformidade, o coma.

PEDRO MEXIA

O falecimento do artista

Não quero falecer. Não tenho especial receio da morte, mas gostava de prosseguir com uma bonita tradição familiar. Na minha família nunca ninguém faleceu. Nós não falecemos. Nós morremos. Falecer é um termo interdito.

Por um qualquer complexo de classe (provavelmente oriundo de um trauma com o Scrabble), em minha casa sempre houve uma lista de palavras proibidas. Vocábulo que não era suposto serem utilizados por nós. Por exemplo: não tínhamos roupa «vermelha», mas sim «encarnada». Não podíamos dizer «a prenda da avó é uma merda!», mas sim «o presente da avó é uma merda!». Os amigos do meu pai não tinham «esposas», tinham «mulheres». Os da minha mãe não tinham nem umas, nem outras, pois eram maricas. Ninguém da minha família «furtava», só «roubava». Ou, quando havia partilhas, «herdava». Não nos «aleijávamos», «magoávamos-nos». Inclusive, na rua nunca víamos nenhum «aleijado», víamos um «manco» — mesmo que o aleijão fosse uma marreca. Quem cozinhava não era uma «empregada», era uma «criada» (e, quando o meu pai perdeu o emprego, «a minha irmã»).

Ao crescer e conhecer outras pessoas, tive de adaptar o meu léxico. Era esquisito demais para conversar com as raparigas do subúrbio que eu desejava impressionar. De modo que fui retirando, uma a uma, as palavras do Índice.

Hoje em dia acabei com todos os tabus — até porque, escrevendo para ganhar dinheiro, conto sobremaneira com o dicionário de sinónimos e não me posso dar ao luxo de segregar vocábulos

— excepto um. Nunca me consegui separar da aversão à palavra «falecer». Mantenho uma resistência férrea. Porque, lá está, mexe com essa grande questão existencial da humanidade que é o medo do ridículo.

Falecer é uma forma muito portuguesa de uma pessoa se finar. É meias-tintas. Só se diz a uma rapariga que se falece de amor por ela quando se tem outra suplente, em *standby*. E enerva-me a indecisão. Quando uma pessoa me anuncia que alguém faleceu, parece que não está bem morto, só muito esmorecido. A padecer. Se calhar, com uma cunha qualquer, consegue-se reverter a condição do falecido. «O teu pai... faleceu. Mas não chores, talvez ainda se safe.» É um modo funcionário de se ir desta para melhor. Quem morre, acaba. Quem falece, no máximo, perde a vida. Onde, há sempre hipótese de a encontrar outra vez. Um falecimento é a morte a arrastar os pés. «Acho que me esqueci da gadanha», diz ela. Falecer é uma falácia.

A minha família, talvez pela austeridade do lado alemão, não tem tempo nem pachorra para estes rodriguinhos. A rigidez prusiana ordena que se cumpram todas as tarefas até ao fim. Portanto, ninguém falece. Não há cá mandriões. Morre-se, e pronto.

É por este sentido prático que, depois de morrer, o defunto tem um «enterro». Já quem falece tem um «funeral». O «funeral» arrasta-se. As exéquias são execráveis. Anda-se ali às voltas, como quem espera que o falecimento passe. Um enterro é pragmático: cava-se, bota-se o caixão no buraco e tapa-se. Já está. E vamos rápido para casa da avó, antes que os tios cheguem e «herdem» as jóias todas.

Abismado

Do seu púlpito no *Diário de Notícias*, o Prof. César das Neves acrescentou um item ao rol dos «elementos que provam que o mundo vai acabar». Depois do casamento de homossexuais, do divórcio, do aborto e da minissaia, temos agora a comédia-de-hoje-em-dia. O artigo, apropriadamente chamado «O abismo do humor político», merece-me um comentário porque, à falta de melhor termo (as finanças não aceitam «tolo»), sou humorista e estou no tal abismo — o que explica a humidade.

César das Neves diz que, se desde sempre o humor político teve o seu lugar, constituindo um «decisivo elemento de equilíbrio e escape para o poder», hoje em dia «não temos condições para lidar com o verdadeiro humor político» que «só é possível, como em Aristófanos, os bobos e Swift, quando existe um respeito geral da população pelos governantes».

A «falta de respeito» da população pelos políticos, potenciada pelos humoristas, torna ainda mais difícil o trabalho de governar. Irresponsavelmente, rimo-nos de problemas sérios que necessitam de respostas sérias de pessoas sérias que, *bélas!*, são ridicularizadas. E, enquanto se ri, «é preciso governar o país e nos próximos tempos serão esses ministros e políticas (...) que nos vão dirigir. E, afinal, os problemas com que lidam afligem-nos a nós, não a eles. Começamos a rir, mas tudo acabará em lamentos», vaticina César das Neves.

O tema é interessante e merece mais do que estes 3 mil caracteres (metade dos quais gastos com apartes parvinhos; como este, cá está). Mas gostava de dizer duas coisas.

Índice

Onomástico

- ABDOULAYE, PROFESSOR: 262
Alá: 146, 156, 228
Ali, Hirsi: 146
Andeiro, Conde (João Fernandes):
241-2
Aquiles: 32
Aristófanos: 23
Arquelau, Herodes: 56
Arquelau, Herodes: 56
Ávila, António José de (Marquês
de Ávila): 24
Aviz, D. João, Mestre de: 241
Azeitonas: 80
Azevedo, Anthímio de: 48
Azevedo, Paulo: 89
- BALBOA, JAVIER: 255
Bambo, Professor: 262
Barreiros, Quim: 105
Bassey, Shirley: 105, 204
Berardo, Joe: 146
Berlusconi, Silvio: 169
Blair, Tony: 90
Bonaparte, Napoleão: 55
Boyle, Susan: 169-70
Branca de Neve: 192
Brown, Dan: 56
Bush, George: 37, 161
- CABRAL, PEDRO ÁLVARES: 261
Caine, Michael: 77
- Camarinha, Zezé: 236
Campos, Paulo: 110
Cão, Diogo: 261
Cardoso, Miguel Esteves: 216, 227
Carlos, Rei Juan: 154
Carpenter, John: 56
Carvalho, Otelo Saraiva de: 244
César Augusto: 56
Chaves, Diana: 120
Chaves, Soraia: 216
Chavez, Hugo: 25, 153-4
Cid, Salter: 103
Costa, António: 77
Courbet, Gustave: 28, 106
- D. MANUEL: 142
Darwin, Charles: 201, 229
Deus: 25, 57, 97, 139-40, 154, 167-8,
174, 188, 202, 240, 247
Diana, Princesa: 208
Dias, Joana Amaral: 110, 116
Doherty, Pete: 207
- FANGIO, JUAN MANUEL: 181
Federer, Roger: 119
Fernandes, José Sá: 77
Ferreira, Fátima Campos: 103
Flint, Larry: 99
Floribella: 208
Fofana, Professor: 262

- GABARRE, JULIÁN: 49
 Gama, Vasco da: 221, 261
 Gaynor, Gloria: 204
 George, Francisco: 84
 Godinho, Manuel: 124
 Gogh, Theo Van: 146
 Gonçalves, Filipa: 201
 Grafenberg, Ernst: 209
 Guterres, António: 152
- HENRIQUE, INFANTE D.: 78
 Hitler, Adolf: 106
- JACKSON, MICHAEL: 110
 Jacques, Cláudia: 27
 Jameson, Jenna: 100
 Jesus, Guilhermina de: 243
 Jesus Cristo: 57, 157, 239
 Johansson, Scarlet: 165
 Jolie, Angelina: 174
 Jones, Kevin: 156
 Judas Iscariotes: 240
- KAHLO, FRIDA: 106, 144
 Kant, Immanuel: 167
 Kennedy, John: 166
 Kokoulina, Iana: 25
- LADEN, OSSAMA BIN: 234
 Lagerfeld, Karl: 207
 Lefemine, Steve: 139
 Lennon, John: 111
 Leticia, Princesa: 171
 Lopes, Fernão: 241-2
 Louçã, Francisco: 63-4, 117, 126
- MACGYVER, ANGUS: 159
 Madoff, Bernard: 100, 163
 Mamoud, Hadji: 156
 Maria Bethânia: 169
 Martínez, Cristina: 25
- Marx, Karl: 55, 117, 241
 McCartney, Paul: 156
 Mello, Miguel: 262
 Mendes, Rita: 27
 Militão, Luís: 40
 Moisés: 139
 Mona Lisa: 94
 Moreira, Isabel: 103
 Mourinho, José: 70, 72, 95, 243, 246
 Mugabe, Robert: 75
- NEVES, JOÃO CÉSAR DAS: 23-4
 Newton, Isaac: 220
 Nicholson, Jack: 130
 Nicklaus, Jack: 130
 Nossa Senhora: 169, 174
- OBAMA, BARACK: 6, 129-30, 161-2,
 165-6
 Ohana, Cláudia: 26
 Oliveira, António: 161
- PAGANINI, NICCOLÒ: 188
 Pai Natal: 39, 57
 Paraguaçu, Odorico: 245
 Patrocínio, Carolina: 116-7
 Pepe: 262
 Pereira, José Pacheco: 216
 Pereira, Nun'Álvares: 243
 Pitt, Brad: 198
 Policarpo, D. José: 227-8
 Portas, Paulo: 126
 Porto, Maria: 184
 Proctor, Bob: 215-6
- QUARESMA, RICARDO: 35
 Queirós, Carlos: 28
- RAMOS, TONY: 26
 Rato Mickey: 223
 Reis, Madalena: 34
- Rice, Condoleezza: 142
 Richthofen, Manfred von: 181
 Ronaldo, Cristiano: 246, 255-6, 262
 Roosevelt, Franklin: 166
 Roquette, Vera: 257
 Rosas, Fernando: 208
 Russell, Bertrand: 168
- SALAZAR, ANTÓNIO DE OLIVEIRA:
 65-8, 119
 Sá Leão: 99
 Sampaio, Jorge: 182
 Santana, Vasco: 256
 Santo Anselmo: 168
 São Mateus: 5, 56
 São Paulo: 168, 252-3
 Saramago, José: 56
 Scolari, Luís Filipe: 28
 Serrano, Estrela: 90
 Silva, Aníbal Cavaco: 104, 255-6
 Silva, Maria Cavaco: 104
 Smith, Patti: 169
- Soares, Mário: 116
 Sócrates: 167
 Sócrates, José: 17, 49, 70, 89-90,
 98-101, 121, 127, 129, 231
 Sousa, Marcelo Rebelo de: 113
 Spice Girls: 169-70
 Spitzer, Eliot: 157
 Surfistinha, Bruna: 184
 Swift, Jonathan: 23
- TAVARES, MIGUEL SOUSA: 82
 Tokio Hotel: 165
 Totti, Francesco: 243
- VALENTE, VASCO PULIDO: 216, 241
 Vara, Armando: 123-4
 Vuitton, Louis: 183, 256
- WAUGH, EVELYN: 81
 Wilde, Oscar: 15, 106
 Woods, Tiger: 130

ESTA EDIÇÃO DE

FALAR É FÁCIL

FOI COMPOSTA EM CARACTERES HOEFLER TEXT
E IMPRESSA PELA GUIDE, ARTES GRÁFICAS,
SOBRE PAPEL CORAL BOOK DE 80 GRAMAS,
NUMA TIRAGEM DE 8000 EXEMPLARES,
EM MARÇO DE 2010.